



INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ÁREA DA SAÚDE: UMA RELAÇÃO SOBRE O CONHECIMENTO E A PRÁTICA DE PREVENÇÃO

CAROLINA GENOVEZ, FLÁVIA COPPOLA, VITÓRIA SANTORO E YASMIN LOPES

RESUMO

A transmissão e a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) são questões de saúde pública, uma vez que existe um entrave no que tange ao acesso às informações por parte da população, um tabu em volta da temática, uma expressiva dificuldade de acesso ao tratamento adequado e uma sobrecarga dos sistemas públicos de saúde. O tema “Infecções sexualmente transmissíveis na área da saúde: uma relação sobre o conhecimento e a prática de prevenção” foi escolhido pelos pesquisadores com base no artigo **“Conhecimentos e comportamentos de acadêmicos de medicina de uma instituição privada de Teresina frente a infecções sexualmente transmissíveis”**, pois o público escolhido possui conhecimento prévio acima do senso comum sobre a temática, podendo não ser refletido em suas práticas. Com o objetivo de relacionar o conhecimento dos profissionais e estudantes da área da saúde com a prática de prevenção das IST, a pesquisa foi fundamentada no uso de coleta de dados. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética para pesquisas com seres humanos da Universidade Estácio de Sá - protocolo CAAE: 73655317.4.0000.5284/ 2017, foi criado um formulário com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o indivíduo concorde em participar da pesquisa, foi passado um questionário anônimo online que identificava se as pessoas eram profissionais ou estudantes da área da saúde e coletava dados a respeito do conhecimento prévio deles sobre as IST e práticas sexuais. A pesquisa foi respondida principalmente por pessoas do gênero feminino, em uma faixa etária entre 21 e 30 anos e sexualmente ativas. Foi possível identificar que o Papilomavírus Humano (HPV) é a IST mais prevalente entre os participantes, sendo seguida por herpes genital. No total 210 pessoas receberam o formulário, 209 delas aceitaram participar da pesquisa, mas somente 202 respostas eram válidas. A partir disso, conseguimos constatar que os estudantes e os trabalhadores da área da saúde possuem, em sua maioria, o convívio e o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis; contudo, fazem uso inadequado da proteção necessária. Dessa forma, apresentam práticas que aumentam riscos para a saúde - tanto própria, quanto a da população.

Palavras-chaves: Profissionais da saúde; Educação médica; Uso de preservativos;

1 INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis podem ser causadas por diversos microrganismos, como, por exemplo, vírus e bactérias, e o principal meio de contaminação são as relações sexuais (oral, vaginal, anal) sem o uso do preservativo com uma pessoa que esteja infectada. É importante ressaltar que as IST ainda podem ser transmitidas de forma vertical, através do parto vaginal ou na amamentação, e em casos de exposição da pele não íntegra ou mucosa a um fluido corporal contaminado. As IST são um problema de saúde pública devido à sua magnitude e dificuldade de acesso ao tratamento adequado. Segundo o Ministério da Saúde, é uma questão que sobrecarrega os sistemas públicos de saúde e ainda podemos

observar que existe um grande tabu por parte da população em debater mais sobre a temática que as envolve e uma escassez de informação, por parte uma parcela da sociedade, sobre sua prevenção. Módulos da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 apontam que aproximadamente 1 milhão de pessoas afirmaram ter diagnóstico médico de IST ao longo do ano, o que corresponde a 0,6% da população com 18 anos de idade ou mais. (BRASIL, 2023).

É válido mencionar a importância do conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca das IST devido à sua atuação como multiplicadores, ou seja, indivíduos que participam de um grupo e se aprofundam em temas de modo que repassem o conhecimento adquirido para outras pessoas. (PEREIRA *et al.*, 2021). O mesmo deve ser destacado a respeito dos profissionais da área da saúde, que possuem um papel importante na educação e cuidado da população. Contudo, mesmo o acesso à informação sendo relevante para combater esse problema, é possível observar que essas pessoas da área da saúde, os quais são indivíduos com vasto conhecimento a respeito das possibilidades de transmissão e, principalmente, dos meios de prevenção de IST, não fazem uso desses métodos de forma adequada no dia a dia. O presente trabalho tem como objetivo relacionar o conhecimento dos profissionais e estudantes da área da saúde com a prática de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis com o uso de coleta de dados, realizada através de um formulário online anônimo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, cujo a coleta de dados foi realizada no 1º semestre do ano de 2023 de forma online e anônima, através de um formulário enviado pelos autores da pesquisa. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética para pesquisas com seres humanos da Universidade Estácio de Sá - protocolo CAAE: 73655317.4.0000.5284/ 2017. Ele foi realizado com a participação de 210 pessoas, das quais 209 aprovaram o TCLE, concordando com a participação na pesquisa. Dentre estas, apenas 202 eram profissionais ou estudantes da área da saúde e responderam ao questionário completamente, contribuindo para os resultados encontrados. O questionário estava dividido em 3 partes - identificação, conhecimento sobre IST/ preservativos e perguntas sobre práticas sexuais com respostas objetivas e discursivas. A análise estatística foi feita a partir dos valores absolutos de N obtidos e o processamento e correlação de dados foi feito a partir de uma planilha do Excel®.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

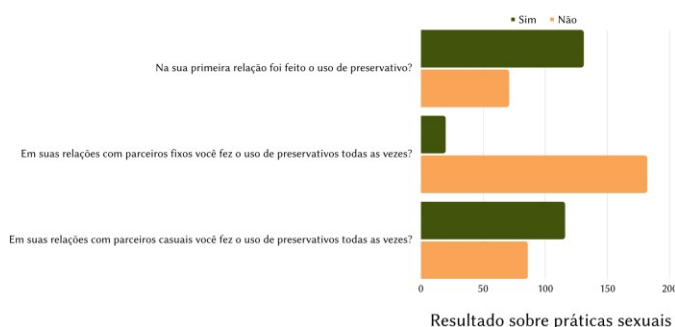
No primeiro estágio foi feita a identificação dos participantes, obtendo um total de 209 respostas: 166 (79,4%) pessoas se identificaram como sendo do gênero feminino, 42 (20,1%) do gênero masculino e 1 (0,5%) identificado como outro gênero. Em relação a faixa etária, em sua maioria prevalecera indivíduos entre 21-30 anos (40,7%). A seguir foi questionada a religião dos indivíduos, objetivando fazer uma avaliação da possível existência de alguma interferência da religiosidade com as práticas sexuais, não obtendo resultados relevantes para essa relação. Nesta etapa também foi questionado o estado civil dos participantes, sendo a grande maioria casados (35,4%) ou solteiros (31,6%). Ademais, foi perguntado a identificação de raça/etnia dos indivíduos e com quem eles residem. Ao final da primeira etapa os participantes deveriam, também, dizer se atuam ou estudam na área da saúde para que assim pudessem continuar a responder o questionário, levando a próxima etapa a um (n) de 202.

No segundo estágio foi analisado o conhecimento dos profissionais e estudantes da área da saúde sobre as infecções sexualmente transmissíveis. O desempenho dos participantes foi visto como excelente, porquanto, em média, 99% dos candidatos sabiam que poderiam contrair IST através de todos os tipos de relações sexuais (anal, vaginal e oral). Contudo, apenas 68,8% sabiam que essas infecções podem ser transmitidas por outros meios, como beijo, compartilhamento de roupa íntima e agulhas. “De maneira menos comum, as IST também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com

secreções corporais contaminadas.” (BRASIL, 2023). Além disso, cerca de 4% dos entrevistados alegaram que não desconfiariam de IST no aparecimento de verrugas/corrimentos/feridas no seu pênis/anus/vagina/boca. Dessa forma, existem falhas na propagação da informação afetando, conseqüentemente, o cuidado com pacientes, tendo em vista que o reconhecimento de todas as formas de transmissão e também dos sinais e sintomas é um passo primordial para o diagnóstico.

Ademais, foi questionado sobre os dispositivos contraceptivos e de prevenção das IST, onde foram obtidos resultados bastante relevantes: cerca de 6,4% participantes não se consideravam conhecedores dos dispositivos de prevenção das IST. Ainda na mesma etapa foram colocadas fotografias de 2 dispositivos (DIU e uma camisinha feminina), nas quais 5 participantes afirmaram que o dispositivo intrauterino poderia prevenir a contaminação Das IST e cerca de 2% disseram não conhecer a camisinha feminina, além de 3,5% dos participantes afirmarem que esta não protege contra a contaminação por IST. Outro resultado alarmante obtido é o de 7,9% dos entrevistados responderem que um mesmo patógeno poderia causar todas as IST. Estes números apesar de não tão expressivos reforçam a vulnerabilidade de informação que alguns profissionais e estudantes da área da saúde apresentam, apesar de seu conhecimento prático, podendo perpetuar o ciclo de transmissão desses patógenos através da falta de informações corretas.

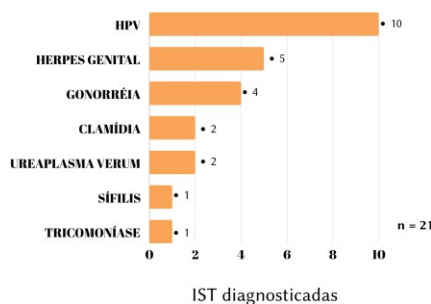
Na terceira etapa as perguntas tratavam sobre as práticas sexuais dos indivíduos, 183 dos entrevistados se consideravam sexualmente ativos e 131 dos 202 não havia tido mais de 10 parceiros ao longo da sua vida. O tempo de vida sexual ativa dos participantes demonstrou-se variável na pesquisa, tendo como resultado mais relevante de 0-5 anos de atividade (25,4%). Quando se refere a primeira relação sexual, 35,1% dos participantes não fizeram uso de preservativos, tendo como principais justificativas “faltas de conhecimento” e “confiança no parceiro”. Entretanto, mesmo após de adquirir esse conhecimento, devido sua formação, cerca de 90,1% continuam não fazendo o uso de preservativos em suas relações com parceiros fixos e 42,6% não utilizam preservativos com parceiros casuais. Essa informação é preocupante, tendo em vista que, o uso da camisinha, tanto masculina quanto feminina, em todos os tipos de relações sexuais, é o método mais eficaz para evitar a transmissão das infecções sexualmente transmissíveis. (BRASIL, 2023).



Outrossim, os participantes que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo também revelaram resultados preocupantes em relação ao uso de preservativos, tendo em vista que dos 14 entrevistados que responderam “sim” a essa categoria, 71% não fazem uso de proteção e 9 destes eram mulheres. Pouco se discute sobre a transmissão de IST via relação sexual homoafetiva, principalmente na relação mulher-mulher. Muitas pensam que a transmissão de IST não acontece durante essa relação, um pensamento equivocado. Inclusive, a falta de percepção de risco para IST é identificada no nosso estudo e também foi observada em outros estudos.

A investigação com relação ao uso de testes diagnósticos por esses participantes foi bastante relevante: 66% dos entrevistados já fizeram algum tipo de teste de IST e cerca de

apenas 10% já foi diagnosticado com alguma delas, como mostrado no gráfico abaixo. A prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis é uma questão de saúde pública. Sendo assim, os exames para detecção são fundamentais para identificação precoce, permitindo que o tratamento seja iniciado o mais rápido possível, reduzindo o risco de transmissão. (PINTO et al., 2018). Além disso, nota-se que a infecção mais prevalente no nosso estudo é pelo HPV, corroborando com a literatura e mostrando a importância não só do uso de preservativos como da vacinação em meninos e meninas. “A infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é a IST mais comum em todo o mundo”. (QUEIRÓS et al. , 2019).



A pesquisa contou com perguntas mais específicas sobre as práticas sexuais, como “a quem cabe a decisão do uso do preservativo?” na qual tivemos o resultado de 156 pessoas (77,2%) afirmando que a decisão cabe a ambos. Outras afirmações como o não uso de camisinha quando se está sobre o efeito de álcool e/ou drogas foi trabalhada em nosso questionário e cerca de 90% dos entrevistados afirmaram que o consumo de álcool e/ou drogas pode influenciar no não uso do preservativo. Todavia, a afirmação que nos gerou mais reflexão foi a de que 84,7% dos entrevistados alegam que já tiveram relações sem preservativos com pessoas que julgam ser de boa aparência. Torna-se evidente, portanto, que, apesar dos estudantes e os trabalhadores da área da saúde possuírem, em sua maioria, o convívio e informação sobre infecções sexualmente transmissíveis, eles não aplicam seu conhecimento no cotidiano, já que é sabido que ter uma boa aparência não significa estar livre de quaisquer IST. Essa prática inadequada, fruto de um pensamento errôneo, aumenta o risco de contaminação, o que demonstra um risco para a saúde pública.

4 CONCLUSÃO

De acordo com os dados de identificação coletados a partir do questionário online anônimo, notou-se que a grande maioria das respostas partiam de pessoas na faixa etária entre 21 e 30 anos de idade, com uma expressiva quantidade delas do gênero feminino, casados e que atualmente são sexualmente ativos. Além disso, grande parcela dos participantes se disseram conhecedores a respeito das IST, das formas sexuais de se contrair IST e também dos dispositivos utilizados que podem contribuir para a prevenção da contaminação. Contudo, ainda nesse momento do questionário muitos não souberam a resposta correta para a questão “Com o seu conhecimento, as IST podem ser transmitidas de formas não sexuais? Como, por exemplo, pelo toque, beijo, compartilhamento de objetos íntimos, entre outros.” e por tratar-se de profissionais da saúde, esperávamos que, pelo amplo conhecimento na área, esse tipo de pergunta não fosse ter aproximadamente 30% de erro na sua resposta. Já na última parte das perguntas, notamos que a maioria das pessoas se consideram sexualmente ativas e que não tiveram mais de 10 parceiros ao longo da vida. Ainda nesse grupo, 35,1% referem não ter usado preservativo na sua primeira relação sexual e tendo como justificativa, principalmente, a confiança no parceiro e/ou não ter conhecimento a respeito do assunto.

Foi possível observar ainda que o fato de ter um parceiro fixo reduz a adesão ao uso de preservativo e que mesmo com parceiros casuais o índice de uso de preservativos foi abaixo

do que se esperava e podemos concluir, a partir do formulário, que essa não adesão também está ligada a boa aparência do parceiro e também ao uso de álcool. Ademais, nota-se que o diagnóstico mais prevalente entre as IST foi o de HPV e, em seguida, a herpes genital. Podemos afirmar que um pouco mais da metade dos participantes já fizeram testagem para IST e que 10% deles foram diagnosticadas com algum tipo de IST ao longo da vida.

Dessa maneira, tanto estudantes, quanto trabalhadores da área da saúde, possuem, em sua maioria, o convívio e o conhecimento das infecções sexualmente transmissíveis, contudo fazem uso inadequado da proteção necessária no dia a dia, apresentando práticas que aumentam riscos para a saúde, tanto própria, quanto da população.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Pesquisa nacional de saúde: cerca de 1 milhão de pessoas contraíram infecções sexualmente transmissíveis no Brasil em 2019. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/maio/cerca-de-1-milhao-de-pessoas-contrairam-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil-em-2019#:~:text=M%C3%B3dulos%20da%20Pesquisa%20Nacional%20de,anos%20de%20idade%20ou%20mais.>>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

BRASIL. Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis: Prevenção (2023). **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/hiv-aids/prevencao>. Acesso em: 15 de maio de 2023

HERNESTO, M. M.; ANDRADE, L. S. C.; CARVALHO, C. G. N. Conhecimentos e comportamentos de acadêmicos de Medicina de uma instituição privada de Teresina frente a infecções sexualmente transmissíveis: conhecimentos e comportamentos de acadêmicos de medicina de uma instituição privada de teresina frente a infecções sexualmente transmissíveis. **Research, Society And Development**, DOI v. 10, n. 15, p. 559101522003, 3 dez. 2021.

PEREIRA, R.; LIMA, M. A. C.; SILVA, J. G.; COSTA, T. A.; SANTOS, T. A.; QUEIROZ, V. B. S.; SANTOS, M. S. T.; ANTUNES, S. B.; SANTOS, T.; OLIVEIRA, H. F.; Infecções sexualmente transmissíveis entre acadêmicos da área da saúde. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, REAC/EJSC, v. 19, p. 5960, 25 jan. 2021.

PINTO, V. M.; et al., **Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de são paulo, brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 23, n. 7, p. 2423-2432, jul. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018237.20602016>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

QUEIRÓS, C.; COSTA, J. B.; Oral Transmission of Sexually Transmissible Infections: a narrative review. **Acta Médica Portuguesa**, ordem dos médicos/ portuguese medical association, v. 32, n. 12, p. 776-781, 2 dez. 2019.